

Podcast

Entrevista do Director-Geral do FMI, Dominique Strauss-Kahn, à TVI, em Washington, 14 de Abril de 2011

Pergunta: Com base no que sabemos hoje, quais seriam, na sua opinião, as primeiras medidas de austeridade que Portugal deveria aplicar?

STRAUSS-KAHN: Eu não diria que são medidas de austeridade. Por um lado, é preciso fazer algo para colocar as coisas em ordem, e todos sabemos que Portugal tem um problema na esfera orçamental que precisa de ser resolvido. Mas o grande conjunto de medidas que julgo importantes são as medidas viradas para o crescimento. O problema de Portugal, que na última década cresceu em média 1% ao ano, é voltar a crescer. Este é o verdadeiro problema. Aumentar a produtividade, ser capaz de exportar mais - é isso que temos que tentar ajudar Portugal a fazer.

Estamos agora a discutir com o governo português e ainda é um pouco cedo para fazer uma avaliação, mas vejo o problema de dois ângulos diferentes. Mais uma vez, [a situação orçamental] é um problema imediato que tem de ser resolvido, que o país tem que resolver; o sector bancário, também. Muito bem, esta é uma parte da questão, mas não é a única. A verdadeira tarefa é ajudar a economia portuguesa a se tornar mais

competitiva e a retomar o crescimento a longo prazo.

LOCUTORA: Mas como chegar a isso?

STRAUSS-KAHN: Bem, muitas coisas podem ser feitas para tornar a economia mais aberta, ter um mercado laboral mais eficiente, aumentar a competitividade dos sectores de bens transaccionáveis e não transaccionáveis da economia. Muitos países da zona euro conseguiram se tornar mais competitivos nos últimos anos, e não só a Alemanha, que é o exemplo mais citado, mas outros também, e não há nada que impeça Portugal de conseguir o mesmo. Muitos diriam que o país já devia ter feito isso antes, o que é verdade, mas não vale a pena entrar nessa discussão. A questão é: olhando para a frente, o que podemos fazer agora? Estamos prontos para ajudar. É esse o nosso papel.

É claro que algumas das medidas que terão de ser tomadas para tratar da necessidade imediata de evitar uma situação problemática nas contas públicas não são muito agradáveis, mas é esta a situação que encontramos ao iniciar as discussões com o governo.

Mas mais uma vez, não vejo isso como medidas de austeridade apenas, mas sim como medidas para o crescimento.

LOCUTORA: Estamos a falar de salários e pensões?

STRAUSS-KAHN: Bem, compete ao governo decidir de que forma pretende restaurar a sustentabilidade orçamental. O FMI dá conselhos e diz, pois bem, este é o plano mais apropriado para

retomar o caminho. Como querem chegar lá? É assim que trabalhamos. E o governo faz propostas e responde, bem, concluímos que podemos prosseguir desta ou daquela maneira. Nós avaliamos e dizemos, muito bem, mas o que estão a propor não será assim tão eficaz como pretendem. Começam as discussões e, no fim, chegamos a um acordo, mas esse acordo sempre tem como base aquilo que o governo está a propor - e é assim em todos os programas que temos.

O que fazemos é apresentar o enquadramento. O país tem um défice muito alto e que precisa de ser reduzido. Nós entendemos as consequências de um ajustamento orçamental. E em muitos exemplos do passado, noutros países europeus, fizemos menos exigências do que outros parceiros do sistema, inclusivamente a União Europeia, porque sabemos que alguns esforços são necessários, mas é inútil pedir o impossível. Então preferimos ir pela via orçamental; é um processo mais longo, vai demorar mais tempo, mas é mais realista do que exigir coisas que não são possíveis. Não estamos a pedir que o processo avance em velocidade máxima, pois o que precisamos é de medidas concretas, é isto que interessa a Portugal. Do contrário, será impossível retomar o rumo do crescimento.

E esta é a questão que se apresenta à actual geração portuguesa, mas também é uma questão para os seus filhos. Um país não pode gastar mais do que tem por muito tempo. Foi isso

que ocorreu em Portugal. Não me cabe a mim atirar culpas em ninguém, mas foi isso que aconteceu. O país tem de regressar ao bom caminho, seja de que modo for. Vai ser doloroso. É por isso que também temos de evitar que isto se repita, e é por isso que uma política para o crescimento é absolutamente necessária.

LOCUTORA: E quando vamos começar a crescer?

STRAUSS-KAHN: Bem, para avaliar isso eu preciso de ter mais informação. Mas vai demorar algum tempo. Não quero ser complacente, não posso dizer que vai ser fácil e rápido. Não vai ser fácil, nem vai ser rápido. Mas é simplesmente necessário. Preciso aguardar que a minha missão regresse de Portugal com toda a informação e os detalhes e, nessa altura, estarei em condições de fazer uma avaliação mais precisa.

LOCUTORA: Muito obrigada.